

O Estado de S. Paulo

17/6/1992

Máquinas tiram mais homens do canavial

Leis de proteção ao ambiente forçarão usinas a trocar o corte manual pela mecanização

MARCO ANTONIO BONETTI

Na safra de cana-de-açúcar do ano passado o uso de máquinas colhedoras bateu recorde. Duzentas delas trabalharam no Estado de São Paulo, o suficiente para cortar 10% da área plantada, um prenúncio de que os usineiros poderiam estar apostando, como nunca, na técnica pouco utilizada até então.

Este ano, os três principais fabricantes de colhedoras de cana — Engerauto, Santal e Motocana — esperam vender cem unidades. Somadas à frota atual de 200, serão suficientes para cortar 15% das canas no Estado.

Potencial existe. Conforme a Secretaria de Agricultura paulista, o trabalho manual poderia ser substituído em 60% dos canaviais. E os principais empecilhos a uma mecanização definitiva, da lavoura foram, em parte, superados. As máquinas disponíveis não apresentam mais perdas elevadas de matéria-prima. Paralelamente, o custo da mão-de-obra cresceu em razão das conquistas sociais, o que pesa na balança da comparação de custos a favor da tecnologia. E o governo ampliou os prazos de financiamento do Finame para incentivar a compra de máquinas no campo.

Um fato novo deve dar a palavra final sobre a necessidade de mecanizar: o rigor da legislação contra a queimada de cana. Hoje ela é proibida num raio de um quilômetro das cidades paulistas, mas os movimentos ambientalistas lutam pela proibição total da queimada. Sem o fogo — cana crua — a produtividade do catador cai pela metade, o que obrigaria as usinas a adotar a mecanização.

O setor debate, agora, as conseqüências sociais da inevitável queda de ocupação nos canaviais. Apenas na região Centro-Sul, a mão-de-obra para colheita emprega 390 mil pessoas.

(Página 1 — Suplemento Agrícola)